



AS PAISAGENS DO MEDO: MUNDOS NEBULOSOS E LENDAS DE ASSOMBRAÇÃO EM LENDAS DO GUAPORÉ

João Pedro da Silva Antelo

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: pedroantelo179@gmail.com

Elysmeire da Silva de Oliveira Pessôa

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail : 3lysmeire@gmail.com

Mara Genecy Centeno Nogueira

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: maracenteno@gmail.com

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa que tem por objetivo identificar e reconhecer as paisagens do medo que compõem a obra *Lendas do Guaporé* de autoria do escritor rondoniense Matias Mendes. A partir da hipótese de que as histórias de assombração presentes no livro “Lendas do Guaporé” ajudam a compor as passagens do medo na região do vale do Guaporé. Pretende-se desenvolver, neste trabalho, a leitura e análise das histórias de assombração da obra literária *Lendas do Guaporé* (2007), identificando as paisagens do medo por meio das histórias que compõem essa obra. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de estudos sobre as paisagens do medo que compõem as relações entre a literatura e o imaginário coletivo. Como principal teórico utilizaremos Yi-Fu Tuan, com a obra *Paisagens do Medo* (2005), que estuda os medos no passado e no presente, seus significados e suas diversas faces.

PALAVRAS-CHAVE: Lendas do Guaporé; História de assombração; Paisagem do medo; Matias Mendes.

ABSTRACT

This article is the result of a research whose objective is to identify and recognize the landscapes of fear that make up the work “Lendas do Guaporé” by Rondoniense writer Matias Mendes. From the hypothesis that the haunting stories present in the book *Lendas do Guaporé* help to compose the passages of fear in the Guaporé Valley region. This work intends to develop, in this work, the reading and analysis of short of haunting stories the literary work “Lendas do Guaporé”, identifying the landscapes of fear through the stories that compose this work. Bibliographic research is being developed from studies on the landscapes of fear that make up the relationship between literature and the collective imagination. As the main theorist we will use Yi-Fu Tuan with the work “Landscape of Fear” (2005), which studies the fears in the past and the present, their meanings and their various faces, he makes a reflection on the theme that challenges the human being, since the beginning of humanity.

KEYWORDS: Legends of Guapore; History of haunting; Fear landscape; Matias Mendes.

INTRODUÇÃO

Este estudo visa apresentar uma análise das histórias de assombração presentes na obra literária *Lendas do Guaporé* do escritor rondoniense Matias Mendes. O referido autor, historiador e literato, é um dos precursores da literatura produzida na Amazônia rondoniense, tendo participado da elaboração da obra *Síntese da Literatura de Rondônia*.

O artigo em tela problematiza, entre outros aspectos, conceitos empregados para a análise das histórias de assombração presentes na obra, portanto, não focará nas questões de verdade ou mentira que sempre recaí quando falamos de lenda, mas sim nas questões do medo e que possivelmente influenciaram na construção dessas histórias.

Pretendemos, também, fazer uma breve esplanção sobre o imaginário amazônico de como é construído. Assim, podemos situar o leitor no contexto em que a obra foi construída, visto que o escritor utiliza-se de memórias para construir maior parte das histórias de assombração presentes na obra em estudo. Nessa perspectiva, nossas principais interrogações procuraram na tessitura do artigo responder quais as marcas do medo apresentadas na obra? e como tais discursos podem ser analisados pelo viés da Paisagens do Medo?

Estabelecemos como objetivo geral identificar e analisar elementos do medo presentes nas histórias de assombração da obra *Lendas do Guaporé*. Por conseguinte, estabelecemos, também, os seguintes objetivos específicos: identificar, na obra em estudo, os elementos constituidores do medo e possíveis transgressões causadas pela possibilidade de impunidade. Como recorte, optamos analisar apenas duas histórias de assombração: “Encontros com Cobras-Grandes” e “O mistério dos Mundos Submersos”, na qual analisamos o misterioso “Porto Ruivo”.

Dessa forma, para lograr êxito em nossas análises, utilizaremos como referencial teórico, Yi-Fu Tuan com a obra *Paisagens do Medo* (2005) que estuda os medos no passado e no presente, seus significados e suas diversas faces. Essa opção teórica se justifica pela

reflexão que a obra apresenta sobre a temática que interpela o ser humano, desde o início da humanidade.

1 O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO

O verde e vasto mundo de águas e florestas que constituem o grandioso cenário amazônico, povoado por uma imensidão de espécies (fauna e flora), faz com que a Amazônia mantenha sua aura mítica e misteriosa, mesmo passados cinco séculos após os primeiros registros e relatos dos viajantes e exploradores europeus sobre a região no século XVI. Assim, a região amazônica ainda permanece no imaginário mundial, como um lugar de maravilhas, exotismos e deslumbramentos. Tal fato é explicado pela escritora Neide Gondim, em seu livro *A invenção da Amazônia* (1994), cuja ideia central defende que a Amazônia não foi descoberta, tampouco construída, tendo surgido na realidade, a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana que, por sua vez, tem como base relatos e narrativas dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes (GONDIM, 2019). Desta forma, a autora reconstrói os caminhos e apresenta a tradição estética e discursiva sobre a Amazônia, na qual predomina o contraditório, o hiperbólico, e o paradoxo entre paraíso e inferno.

Assim, em meio a tudo sobre o que se diz e se pensa acerca da Amazônia, desde o século XVI, com a chegada dos primeiros exploradores europeus à região, até o fim do século XX, são diversas as narrativas que se referem à Amazônia, como uma metáfora do Novo Mundo, de um outro mundo.

De acordo com Gondim (1994), com a chegada dos primeiros exploradores no século XVI, cujo pensamento possuía a tônica do mundo medieval, povoado pelo imaginário fantástico do oriente apresentado através dos relatos de viagens, instaurou-se o desejo desses europeus de comprovar a veracidade das Escrituras Sagradas. Contudo, também temiam deparar-se com o inferno e com seres que não fossem a imagem e a semelhança de Deus (no caso europeu o Deus branco). Assim, dentre as obsessões do europeu medieval, podemos

citar a busca do paraíso terrestre sobre a terra, lugar onde não houvesse fome e peste e principalmente longe do inferno.

Dessa forma, a dualidade cristã do período medieval fez com que a imagem elaborada sobre a Amazônia fosse vinculada à dicotomia – inferno/paraíso. O cerne das ideias apresentadas pelo olhar eurocêntrico sobre a Amazônia, de acordo com Gondim (1994) fez com que a floresta amazônica fosse estigmatizada como uma entidade fantástica a tal ponto de a Amazônia parecer mais distante e desconhecida que a lua no imaginário mundial.

Com relação aos povos nativos, eram definidos como primitivos, incapazes de desenvolver-se plenamente em consequência do forte calor, caracterizados como preguiçosos e indolentes, infantis e bestializados. Fato que, de acordo com Gondim (1994), reverbera ainda hoje, na representação difundida e consolidada pelo sistema capitalista, segundo a qual, a Amazônia premiaria com riqueza aqueles que sobre ela trabalhassem, ao contrário do que não fizeram os indígenas.

A representação hiperbolizada da Amazônia é uma tentação da qual quase ninguém escapa. Para a autora, essa representação edênica da natureza vem seguindo um efeito cascata que começou no imaginário medieval sobre o incompreensível oriente e a desconhecida América. Talvez, mais que a própria Amazônia, o que realmente impressiona seja a representação desse encontro/confronto. Esse imaginário fantástico universal impressionou as mentes dos que passaram pela Amazônia e dos que dela só ouviram falar. Gondim (1994) ilustra sua argumentação com trechos dos livros e relatos que se mostram reveladores da invenção imaginária do que seja a Amazônia, ao tempo que nos oportuniza a dupla satisfação de ler literatura e ciência.

2 O MEDO NA OBRA LENDAS DO GUAPORÉ

Podemos observar na produção literária de Matias Mendes uma preocupação com a região amazônica. Na sua obra *Lendas do Guaporé* o autor nos apresenta várias histórias que possuem como fio condutor a região do Vale do Guaporé. Ele apresenta com detalhes as características desse lugar, a beleza do povo e da cultura aqui existentes. Porém, é marcante a

Revista Igarapé. Porto Velho (RO). V.12, N. 4, p. 16-24, 2019

presença do medo, pois as questões levantadas pelo autor dizem respeito ao desconhecido, à floresta, aos rios e até mesmo aos animais que, em suas configurações, fogem a nossas explicações. A natureza é a mais complicada de se explicar. Por isso, quando falamos dessa obra, a questão que surge é que o medo pode ter sido o precursor dessas histórias de assombração, pois para Tuan (2005): “A natureza é energética e imprevisível. Uma maneira de compreender a natureza é vê-la como se estivesse cheia de espíritos malignos que precisam ser acalmados. p. 87”.

A Amazônia é misteriosa o que ajuda muito nas histórias aqui contadas, principalmente, nas de assombração. NOGUEIRA (2015) quando apresenta a região amazônica, focalizando Rondônia, nos afirma que, “[...] a Amazônia se faz mister por todos os mistérios que a cercam; ela é tecida pelos povos indígenas, pelos mitos, pelos rios a comandar a vida, pela floresta densa e recheada de mistérios a demandar medo e encantamento (NOGUEIRA, 2015, p. 21). Desse modo, o fator desconhecido de boa parte dessa região é crucial para a criação dessas histórias.

O que podemos observar é que as histórias apresentadas na obra *Lendas do Guaporé* mostram essa questão do desconhecido, geralmente representado pelos remansos do Rio Guaporé, ou por parte inexplorada da mata que cerca as comunidades ribeirinhas. Dessa forma, o fator desconhecido é preponderante no processo de criação. O autor nos apresenta as histórias como relatos, alguns acontecidos com ele mesmo. Mas ressaltamos que o fator desconhecido é o grande influenciador. Como no fragmento a seguir:

[...] Todavia, houve um momento em que levantei a cabeça e verifiquei que a uns cinquenta metros adiante havia uma avultada pedra, frontal ao nosso curso de navegação. [...] De repente, senti a mudança brusca do curso da canoa, seguida de um grito de alerta do meu piloto, [...] ao levantar a cabeça, percebi que a pedra não estava onde eu a vira antes, [...] A olada provocada pela brusca submersão do animal foi tão forte que ainda podia ser sentida na margem da praia cagona, a uns quatrocentos metros do local onde nós julgamos, um tanto ingenuamente, que havia uma pedra. No ponto em que o bicho submergiu, as águas subiram a mais de um metro de altura. A agitação provocada no rio foi bastante para que tivéssemos uma idéia mais ou menos aproximada do tamanho do animal. (MENDES, 2007, p.81).

O relato aconteceu em uma viagem do escritor Matias Mendes com os primos, no ano de 1968. O horário provável desse encontro, segundo o autor, aconteceu mais ou menos as

vinte e três horas. Fato este que nos leva a pensar na questão de ser noite escura e com pouca visibilidade. Não estamos impondo juízo de valores sobre a história, pois pode ter sido um monstro do rio, como a cobra grande. Talvez a pouca visibilidade tenha impossibilitado os navegantes de avistarem com clareza um tronco que descia o rio e na hora do encontro, o choque causado, despertou o medo e criou a cena acima descrita.

Os rios são vistos como os lugares onde os espíritos habitam com mais frequência. É nos rios onde os monstros se escondem e fazem suas moradas. TUAN (2005) explica que:

Dos espíritos ligados a um lugar, os dos rios estão entre os mais poderosos. Antigamente esses espíritos dos rios exigiam sacrifícios humanos. Até hoje eles são responsáveis pela morte de pessoas que procuram atravessá-los em pirogas, ou nadar e pescar em suas águas. O medo concentra-se nas correntezas, remoinhos e cânions profundos escavados nas vertentes rochosas. (TUAN, 2005, p. 88).

Dessa forma, podemos notar que Tuan (2005) nos apresenta essa visão quando fala da região de Luzon, nas Filipinas, mas podemos utilizar em nosso contexto, visto que em nossa região o rio é condutor das histórias. É sobre o rio que podemos ouvir os relatos mais variados sobre seres encantados, que habitam os remansos.

Outra história que causa medo e terror nos viajantes do vale do Guaporé faz referência ao Porto Ruivo, local onde os moradores da região acreditam existir um mundo submerso. Segundo narram esses oradores, existem relatos de desaparecimento e estranhos barulhos, como o mugir de vacas, o cacarejar de galinha e até mesmo voz de pessoas. Nesse ambiente tão misterioso, apresentamos o fragmento da história mítica sobre um morador que queria solucionar o mistério de Porto Ruivo, para isso precisaria, segundo os relatos, jogar uma cabeça de porco no meio do remanso de Porto Ruivo. Antes de acontecer tal feito,

[...] alguns dias antes da data escolhida para a execução do plano de desencantamento que tinha em mente, o morador descrente recebeu uma inusitada vista. Certo dia, por volta das onze horas da manhã, uma bonita e bem equipada canoa surgiu na embocadura da baía e seguiu direto para as moradas de Porto Ruivo. Os três tripulantes da canoa desconhecida desembarcaram no lugar e seguiram direto para a casa do homem da cabeça de porca, que morava num barracão de assoalho alto, do tipo denominado pombal. Lá chegando os visitantes desconhecidos subiram a escada e foram direto ao escritório do morador, que era um negociante. Sem qualquer rodeio, um dos visitantes teria dito ao dono da casa que ele poderia jogar a cabeça de porca na baía, já este era seu desejo, mas que, em contrapartida, Porto

Ruivo afundaria no mesmo dia que ele executasse o seu malfadado projeto... Dado o recado, os visitantes desceram a escada e foram direto para o porto, onde retomaram a canoa e voltaram para o mesmo lugar de onde haviam surgido: a estranha e profunda Baía de Porto Ruivo... (MENDES, 2007, p. 85 e 86).

Podemos observar no relato a aparição de pessoas misteriosas. Essa aparição é causada pelo projeto do morador de Porto Ruivo. Essas pessoas desconhecidas resolvem interferir e apresentar uma consequência para tamanho ato de rebeldia. O que podemos imaginar, e o que a narrativa nos induz a pensar é que essas pessoas vieram da profundidade de Porto Ruivo. Para Tuan (2005):

O medo de fantasmas tem suas raízes no receio do desconhecido e do bizarro. Os espectros assombram as pessoas essencialmente da mesma maneira como fazem outras forças misteriosas no meio ambiente. Na mente pré-moderna, não há uma distinção clara entre divindades da natureza e ancestrais, ancestrais e fantasmas, fantasmas e bruxas, bruxas e assassinos, assassinos e assaltantes, assaltantes e animais selvagens. Onde as forças da natureza são benevolentes e previsíveis, as pessoas as reconhecem como divindade. Onde são ferozes e erráticas chamam de demônios. [...] (TUAN, 2005, p. 179 e 180).

Dessa forma, podemos verificar que os visitantes desconhecidos poderiam ser ancestrais já falecidos, a natureza se revelando para eles. A visita ilustre de tais seres foi de fato algo perturbador e com diversas possibilidades de interpretação. O Mamoré está cheio de surpresas e essa história é uma delas. Há crenças de que a própria natureza tomou forma e veio lhe visitar, alertando-o para os perigos de desvendar esse grande mistério, porém seria só uma suposição, assim como a suposição que Tuan (2005) nos apresenta pode ser apenas o medo do desconhecido.

Podemos inferir que quanto maior seja a hostilidade do ambiente, maior será o medo que as pessoas terão. Assim, se pensarmos no contexto amazônico, lugar onde a vida é hostil e cruel, o medo tem grande influência no cotidiano. Tuan (2005) afirma que: “Os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido, são subjetivos; alguns, no entanto, são sem dúvida, produzidos por um meio ambiente ameaçador” (TUAN, 2005, p. 7).

Enfim, vamos utilizar o próprio Matias Mendes para falar como os rios que cortam suas narrativas são misteriosos. Ainda há muitas coisas desconhecidas e o medo do desconhecido se apresenta nas histórias de assombração. MENDES (2007), quando comenta

sobre as águas de porto ruivo define toda uma região, ele afirma que: “As águas da baía daquele local são profundas e misteriosas até hoje...” (MENDES, 2007, p. 86).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta abordagem objetivou apresentar alguns elementos das paisagens do medo em duas narrativas de assombração da obra *Lendas do Guaporé*, do escritor rondoniense Matias Mendes. Dessa forma, as criaturas existentes nas narrativas, o paradoxo criado entre paraíso e inferno estão presentes nas histórias contadas na obra.

Identificamos, a partir da análise dos elementos das paisagens do medo nas histórias de assombração presentes na obra *Lendas do Guaporé*, que os recursos estilísticos utilizados pelo escritor no processo composicional demonstram o quanto o medo é marca os relatos e, portanto, revela como se constrói esse imaginário amazônico.

A partir da leitura e da análise das histórias, observamos que a temática da Amazônia tem forte influência para Matias Mendes. Ele é historiador e literato e, notadamente, um escritor engajado em apresentar as particularidades da história, da cultura e da literatura amazônica. Dessa forma, apresentar a região pela voz de Gondim (2019) mostra como o imaginário amazônico foi construído e como ele se relaciona com as histórias de assombração.

Ressaltamos que a compreensão das narrativas analisadas exige do leitor alguns conhecimentos sobre as questões das paisagens do medo e do imaginário amazônico. A obra mendiana proporciona ao leitor uma reflexão sobre a produção literária brasileira produzida na Amazônia. Ao mesmo tempo que a literatura mendiana é local, ela é global, pois conforme afirma Loureiro (2014), “O mundamazônico é um mundo dentro do mundo”.

REFERÊNCIAS

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. 3. ed. Manaus: Valer, 2019. 340 p. Organização: Tenório Telles.



LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Mundamazônico: do local ao global**. Revista Sentidos da cultura. Belém/Pará. Jul-Dez/2014. <http://www.uepa.br>. Acessado em: 10/11/2019.

MENDES, Matias. **Lendas do Guaporé**. São Paulo: Scortecci, 2007.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. **Entre categas e muniças: territórios e territorialidades da morte na cidade de Porto Velho** - Curitiba, 2015.

TUAN, Yi- Fu. **Paisagens do Medo**. 1930. Tradução Livia de Oliveira. – São Paulo: Editora UNESP, 2005.